



## IDENTIDADE POÉTICA PARA PENSAR TRANSVERSALIDADE NA ARTE CONTEMPORÂNEA<sup>1</sup>

Sandro Bottene<sup>2</sup>

<sup>1</sup> Este artigo foi desenvolvido durante a disciplina de Transversalidades na Arte Contemporânea, ministrada pela Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Gisela Reis Biancalana, no curso de Doutorado em Artes Visuais da UFSM.

<sup>2</sup> Doutorando em Artes Visuais no Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da Universidade Federal de Santa Maria, com ênfase em Poéticas Visuais, Linha de Pesquisa Arte e Transversalidade, com Bolsa CAPES. Participante do Laboratório de Arte e Subjetividades – LASUB (CNPq). E-mail: sandro.bottene@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5979-3138>. Lattes ID: <http://lattes.cnpq.br/9367634204406259>.

### RESUMO

Para pensar a transversalidade na Arte Contemporânea, este artigo propõe pensar a criação de uma identidade poética. Através da fundamentação teórica, a pesquisa prática tem por objetivo investigar a experiência da dor e o seu caráter transversal na construção da subjetividade. O texto, por sua vez, parte da argumentação sobre transversalidade e o pensamento complexo por meio das considerações de Edgar Morin. Segue com os apontamentos de Stuart Hall sobre identidade e, por fim, aborda de modo sucinto as criações e as relações — minha e do artista Emerson Pontes — sobre obra e corpo entremeados pela afetividade.

**Palavras-chave:** Arte Contemporânea. Transversalidade. Identidade. Corpo. Poéticas visuais.

### ABSTRACT

To think about transversality in Contemporary Art, this article proposes the creation of a poetic identity. Through the theoretical foundation, the practical research aims to investigate the experience of pain and its transversal character in the construction of subjectivity. The text, in turn, starts from the argument about transversality and complex thinking through Edgar Morin's considerations. It continues with Stuart Hall's notes on identity and, finally, briefly discusses the creations and relationships — mine and that of the artist Emerson Pontes — between the work and body interspersed with affectivity.

**Keywords:** Contemporary Art. Transversality. Identity. Body. Visual poetics.

### CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A presente investigação em Poéticas Visuais problematiza a experiência da dor do corpo/mente. Através de ações corporais, produz-se uma estética da dor, a qual serve-se de dores fisiológicas, psicológicas ou até mesmo de dores imaginárias. Para tanto, leva-se em conta a subjetividade do ofício de cacticultor<sup>1</sup> — prática desenvolvida há alguns anos — e da coleção das distintas espécies identificadas em meu cactário particular. A partir do cultivo das plantas espinhosas e desse conhecimento adquirido, surge a identidade poética intitulada *Garoto-cacto*.

<sup>1</sup> Cultivador de cactos de diferentes gêneros e espécies.



Uma identidade que representa um jovem tardio e que reflete sua experiência subjetiva de dor corpórea, visualmente representada pelo espetar do espinho. O problema da pesquisa, por outro lado, emergiu também em decorrência da pandemia da Covid-19, em 2021, com a dor imposta pelo distanciamento social que foi necessário durante o período caótico, enquanto todos/as estavam se voltando à própria fragilidade corporal diante à morte iminente.

No processo poético, aréolas de espinhos são amarradas em meu corpo — retiradas de algumas espécies de cactos da minha coleção — e ações corporais exploram a subjetividade da dor que, por sua vez, marca minha pele e constrói minha experiência com a sensação de sofrimento. A partir dessas ações, a transversalidade nesta pesquisa se dá, inicialmente, por conceitos extraídos da botânica, devido à relação do cultivo das cactáceas, e do estudo da dor. A sensação desagradável gerada pelas proposições durante o ato de espetar cria uma relação de afetividade com a planta — no caso, o cacto — alimentando minha identidade poética.

As proposições visuais ocorrem por meio de fotografias, fotoperformances, performances, objetos e textos. Tais linguagens artísticas, por sua vez, orbitam o respectivo trabalho, conectando o meu corpo e minha relação com o fazer artístico pelo viés da dor. A partir disso, outros cruzamentos foram atravessando o campo desta pesquisa em Arte: o da ciência pela relação do funcionamento do corpo/mente e da dor inerente a ele; o da filosofia pela relação existencial e reflexiva do pensamento; e o campo sociológico pelas relações de contato entre a subjetividade dessa identidade e do meio social em seu entorno.

Esta investigação poética consiste da experiência em Arte Contemporânea e da experiência da dor, que é “uma experiência sensitiva e emocional desagradável, associada, ou semelhante àquela associada, a uma lesão tecidual real ou potencial” (Raja *et al.*, 2020, p.17). Apesar do seu vínculo com o sofrimento, a dor, por ser uma sensação inerente ao próprio corpo, torna-se uma experiência íntima, subjetiva e singular. É a partir dessa experiência pessoal que se aprende o conceito de dor e sua complexidade.

## **METODOLOGIA**

Com relação aos procedimentos metodológicos, este artigo foi elaborado a partir de pesquisa bibliográfica e da coleta das considerações de autores/as que fundamentam a presente investigação em poéticas, a qual trata do processo de subjetivação diante da construção da





conjunto. Morin também menciona Blaise Pascal (1623-1662), filósofo e matemático francês, e argumenta que “o princípio *‘hologrâmico’*<sup>2</sup> põe em evidência este aparente paradoxo das organizações complexas, em que não apenas a parte está no todo, como o todo está inscrito na parte” (Morin, 2003. P. 94). O autor ao endossar o pensador diz que

cada célula é uma parte de um todo — o organismo global —, mas também o todo está na parte: a totalidade do patrimônio genético está presente em cada célula individual; a sociedade está presente em cada indivíduo, enquanto todo, através de sua linguagem, sua cultura, suas normas (Morin, 2003, p. 94).

Por outro lado, Morin diz que “os indivíduos humanos produzem a sociedade nas interações e pelas interações, mas a sociedade, à medida que emerge, produz a humanidade desses indivíduos, fornecendo-lhes a linguagem e a cultura” (Morin, 2003, p. 95). Por isso, uma das respostas sobre a complexidade do indivíduo encontra-se, justamente, em seu próprio corpo. Segundo Arthur Danto, filósofo e crítico de arte norte-americano, o corpo se define como “um complexo sistema eletro-químico-mecânico” (Danto, 2003, p. 247, tradução própria). Dessa forma, o corpo não pode ser considerado, simplesmente, uma união aparente formada por uma substância espacial (fisiológica) e outra pensante (psíquica), discurso que foi sustentado pelo filósofo e matemático francês René Descartes (1596-1650) em *As Meditações*<sup>3</sup>. Na realidade, o corpo e a mente não podem agir separados, a não ser pela distinção do pensamento. Além disso, o indivíduo também interage com o meio que o transforma e vice-versa. Por isso, o individual e o coletivo, o subjetivo e o impessoal, o simples e o complexo são alguns dos cruzamentos que borram a estrutura linear ilusória e validam a transversalidade na contemporaneidade.

## **IDENTIDADE POÉTICA NA ARTE CONTEMPORÂNEA**

A identidade do indivíduo na contemporaneidade encontra-se marcada pela fluidez devido os constantes processos de identificação em que esta se vê envolvida no/pelo contexto social. Destes processos, emergem concepções culturais, raciais, étnicas, políticas, sexuais e de gênero que se formam e são formadoras pelo ponto de contato entre o sujeito e a sociedade e,

<sup>2</sup> Inspirado no holograma, em que cada ponto contém a quase totalidade da informação do objeto que ele representa.

<sup>3</sup> Escritos produzidos originalmente no século XVII, em que o autor expõe sua doutrina sobre questões de Deus e da alma.



assim sucessivamente. Stuart Hall, teórico cultural e sociólogo, argumenta que “as perspectivas que teorizam o pós-modernismo têm celebrado, por sua vez, a existência de um ‘eu’ inevitavelmente performativo” (Hall, 2014, p. 103). Para o autor, a ação de ter uma identidade em performance desconstrói a perspectiva identitária integrada, original e unificada. Para Hall, a questão da identidade e da subjetividade sob a perspectiva desconstrutiva indica “o sinal de rasura” que não serve mais para pensar na contemporaneidade.

A questão de identidade ou identificação (processo de subjetivação) na linguagem do senso comum “é construída a partir do reconhecimento de alguma origem em comum, ou de características que são compartilhadas com outros grupos ou pessoas, ou ainda a partir de um mesmo ideal” (Hall, 2014, p. 106). Já na abordagem discursiva, a identificação “é uma construção, como um processo nunca completado — como algo sempre ‘em processo’. Ela não é, nunca, completamente determinada — no sentido de que se pode, sempre, ‘ganhá-la’ ou ‘perdê-la”” (Hall, 2014, p. 106).

A concepção de identidade é construída ao longo de discursos, práticas e posições pessoais que estão em processo de mudança e de transformação. A identidade é esse ponto de encontro que tenta nos interpelar (para que assumamos nossos lugares como sujeitos sociais de discursos particulares) e os processos que produzem as subjetividades (que nos constroem como sujeitos aos quais se pode falar). “Assim, em vez de falar da identidade como uma coisa acabada, deveríamos falar de *identificação*, e vê-la como um processo em andamento (Hall, 2006, p. 38).

Da mesma forma, acontece com a pesquisa em Arte, a identificação poética se dá pelo caminho, ou seja, no/pelo processo. A escolha por objetos de estudo, linguagens, assuntos, conceitos, posições e discursos nos define e também nos processa. Um exemplo fluído trata da própria definição de artista que, no contemporâneo, em vista das diversas atividades concomitantes torna-se um “artista-etc” — conceito de Ricardo Basbaum — que traz “para o primeiro plano conexões entre arte&vida [...], abrindo caminho para a rica e curiosa mistura entre singularidade e acaso, diferenças culturais e sociais, e o pensamento” (Basbaum, 2013, p. 168).

A Arte Contemporânea rasura a linha que separava e distinguia o que era arte e o que era vida, assim como Stuart Hall argumenta sobre a rasura desconstrutiva da identidade em sua forma original por uma “celebração móvel”. A construção de uma identidade poética — pensar



em algo performativo tanto pelo caráter efêmero quanto pelo papel subjetivo que constitui o indivíduo — parte dos processos que nos define e pelas trocas com o outro. De todo modo, só não podemos expressar uma forma de vida que não é nossa.

É a nossa forma de vida que fundamenta nossas práticas artísticas, assim como é nela que se fundam os significados da palavra arte, bem como as regras para seu uso. Do mesmo modo em que não é possível para uma pessoa viver uma vida que não é sua, é impossível fazer uma arte que expresse uma vida que não é a sua (Ramme, 2014, p. 7).

A identidade poética enquanto identificação leva em consideração todas as escolhas e as posições que (des)construímos — “os ganhos” e as “perdas” que Hall menciona — ao longo do processo de deriva entre a vida e a arte. Por outro lado, a identidade poética também pode ser compreendida como algo tão subjetivo ao ponto de tomar forma, por exemplo, de um ser “imaginado” (no próximo tópico, menciono a criação da identidade *Garoto-cacto*) ou da incorporação de quase uma “entidade” (no tópico a seguir, aborda-se a criação *Uýra* pela artista Emerson Pontes). Assim, identidades tornam-se potentes na Arte Contemporânea e singulares no processo poético da subjetivação.

## **EU, *GAROTO-CACTO* E *UÝRA* POR EMERSON PONTES**

A Identidade Poética intitulada *Garoto-cacto* (Figura 1), criação de uma pesquisa em Artes Visuais, nasceu durante o período pandêmico (durante o ano de 2021), quando o distanciamento social recomendado me fez considerar e perceber novamente a “existência” do meu corpo no mundo. Deve-se a isso a fragilidade do ser humano diante do vírus da Covid-19 e da iminente ameaça de morte presenciada em escala global. Paralelamente e não por acaso, a criação dessa identidade imersa no isolamento imposto pela nova realidade e nesse demorar consigo mesmo, me possibilitaram um contato mais íntimo com o ofício de cacticultor, o qual já exerço há alguns anos. Transitando entre a coleção das plantas espinhosas e com as espetadas ocorridas durante a manutenção, cria-se essa identidade que é atravessada pela dor.

No trânsito entre a dor e a subjetividade, transformo o meu corpo sensível em espinho-vivo através de agulhões amarrados na superfície da pele. A partir de ações corporais, a experiência dolorosa emerge e é externalizada, apresentando a dor com caráter sublime que



encanta. Meu corpo e minha mente — ou, simplesmente, o eu-corpo — são vínculos inerentes assim como a dor está para o corpo. Desse modo, “o próprio artista como corpo-arte repensa a si mesmo e se apresenta como obra. [...] torna-se a própria obra” (Biancalana, 2019, p. 5). A afetividade se dá pelo caráter simbólico da identidade poética que remete ao cacto, mas dessa atração visual emerge também a repulsa diante de um corpo coberto de espinhos e dor.



**Figura 1** – Sandro Bottene, *Sem título* (Série *Garoto-cacto*), 2021

Fotografia

Foto: Eduarda Olechak

Fonte: Arquivo Pessoal

Emerson Pontes (1991) é uma artista visual nascida em Santarém, no Pará. A artista dá vida a *Uýra* (Figura 2), uma entidade híbrida criada na Amazônia brasileira e que se apresenta como “uma árvore que anda”. Nasceu em 2016, durante o processo de impeachment de Dilma Rousseff. A identidade poética criada por Pontes através de elementos provenientes da natureza como folhas, flores, sementes e conchas, transforma sua aparência que está em constante mutação, assim como a floresta. Por meio de performances fotográficas, a artista propõe “buscar formas de levar o debate sobre a conservação ambiental e os direitos indígenas e LGBTQIA+ às comunidades de Manaus e seus arredores” (34.<sup>a</sup> Bienal de São Paulo, 2021).



Sua afetividade com a floresta e o seu trabalho ativista e político, diga-se transversal e artístico, descende do desconhecimento da sua origem indígena, da qual foi violentamente apartada de suas origens e raízes como muitos outros povos do continente americano. Segundo o performer, “Uýra não pertence a nenhum gênero ou espécie, e, em seu não-pertencimento, identifica-se com a vida como um todo. [...] A floresta que engole o corpo e o corpo que se transforma” (34.<sup>a</sup> Bienal de São Paulo, 2021).



**Figura 2** – Emerson Pontes, *Sem título* (Série *Mil Quase Mortos*), 2021

Fotoperformance

Foto: Matheus Belém

Fonte: <http://34.bienal.org.br/post/9180>

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A contemporaneidade se constitui por um caráter fluído, sendo marcada pela transversalidade e pelos diversos referenciais que se ramificam em seu ponto de contato. Ao propor como tema de investigação nas Artes Visuais a criação de uma identidade, suscita-se a construção da subjetividade durante o processo de identificação com o próprio processo poético. Além disso, a complexidade dos atravessamentos contemporâneos diante da identidade e da subjetividade corporal, bem como da experiência de dor, possibilita cultivar um campo potente entre Arte e Transversalidade. Possibilidade esta, por sua vez, que alimenta os trânsitos da Arte Contemporânea e permite uma colheita sensível através da experiência dos sentidos.





## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BASBAUM, Ricardo Roclaw. **Manual do artista-etc.** Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2013. 264 p.

BIANCALANA, Gisela Reis. Performance arte: multidisciplinariedade colaborativa como experiência sensível. **ARJ – Art Research Journal**: Revista de Pesquisa em Artes, v. 5, n. 1, p. 01-15, mai. 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/artresearchjournal/article/view/12510/11436>. Acesso em: 22 fev. 2024.

DANTO, Arthur. **El cuerpo/el problema del cuerpo.** Madri: Sintesis, 2003, 304 p.

HALL, Stuart. Quem precisa da identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais.** 15. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014. 133 p.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Rio de Janeiro: DP&A, 2006. 102 p.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento.** 8. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003. 128 p.

RAJA, Srinivasa Naga *et al.* Definição revisada de dor pela Associação Internacional para o Estudo da Dor: conceitos, desafios e compromissos. Tradução: Josimari Melo de Santana; Dirce Maria Navas Perissinotti; José Oswaldo de Oliveira Junior; Luci Mara França Correia; Célia Maria de Oliveira; Paulo Renato Barreiros da Fonseca. **Jornal Dor** (Publicação da Sociedade Brasileira para o Estudo da Dor), São Paulo, ano XVIII, ed. 74, p. 11-18, 2º tri. 2020. Disponível em: <https://sbed.org.br/wp-content/uploads/2020/09/Jornal-Dor-n-74.pdf>. Acesso em: 23 fev. 2024. Título original: The revised International Association for the Study of Pain definition of pain: concepts, challenges, and compromises.

RAMME, Noéli. A arte e a vida: interseções. **ArteFilosofia**: Revista de Teoria da Arte, Estética e Filosofia da Arte, v. 9, n. 17, p. 04-12, dez. 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufop.br/raf/article/view/501/457>. Acesso em: 22 fev. 2024.

34.<sup>a</sup> BIENAL DE SÃO PAULO. **Uýra.** São Paulo, 2021. Disponível em: <http://34.bienal.org.br/artistas/8298>. Acesso em: 22 fev. 2024.